

ARTE

Anésia Pacheco Chaves

Anésia Pacheco Chaves está iniciando neste número uma sessão permanente em que o assunto será a arte, seja ouvindo críticos e artistas, seja falando de exposições realizadas em nossa cidade.

Excelente artista plástica não precisa Anésia Pacheco Chaves de apresentação, já que é sumamente conhecida em todos os círculos relacionados à arte em nosso país.

A cultura ocidental ameaçada

Mário Schenberg, globe-trotter, conta suas experiências de sua última viagem



Anesia - Mario, você ainda acredita em viagem?

Além da gratificação do passeio, relativa, hoje, com papelada, aeroportos como aqueles dos filmes de J. Tati, depósitos compulsórios, etc., voce pensa que a viagem ainda tem importância cultural?

Mario - Sempre sonhei com alguns lugares: Ispahan, A janta, o Japão...

Além disso acho que a distância nos permite entender melhor nosso país,

No Oriente, ganhamos perspectivas em relação a cultura ocidental.

Anesia - ... e no sentido visual, das artes visuais?

Mario - A arte islamica e a budista são momentos máximos da história do homem, que nos obrigam a reavaliar nossos padrões estéticos.

Penso que a arte ocidental só pode re-conquistar a vitalidade perdida se for penetrada pela arte oriental. A confrontação e o intercambio são estímulos imprescindíveis.

Anesia - Tratando-se da arte budista, que não tem conosco as ligações históricas do Islam, qual o fio que nos liga e torna possível a assimilação?

Mario - Não existe uma ligação histórica forte, é verdade, mas a partir do Século XIX a Europa passa a ser grandemente influenciada pelo budismo e pelo Oriente.

Podemos dizer que não existiriam Wagner e o impressionismo sem essa influencia. Até no Brasil temos o filme "Limite" de Mario Peixoto, que tem como tema o nirvana e já foi considerado um dos melhores filmes de todos os tempos.

Creio que chegamos ao fim de um período e que a cultura ocidental perderá sua importância.

Anesia - Quanto ao problema que tanto nos preocupa hoje, do elitismo, do desligamento da nossa arte do povo, você diria que as artes budista e árabe levam vantagem neste sentido?

Mario - A ruptura arte-povo é própria dos períodos de decadência, quando a lógica e a comunicação intelectual substituem a relação mágica e a ligação com interesses mais objetivos das pessoas.

Na India me disseram não ser o budismo uma religião (não existe lá este conceito de religião, como alguma coisa separada da vida cotidiana) mas um método para não sentir dor.

Nas épocas de apogeu a arte está ligada aos interesses do dia a dia das pessoas.

Temos, no Ocidente os exemplos da Grécia, da Renascença e ultimamente as comédias de Charles Chaplin.

Agora...

Para terminar gostaria de citar a frase de Rauschenberg: "Arte é a qualidade que as coisas ganham em contato com o homem".